

INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA AEP - ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE PORTUGAL, JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA DE BARROS, NA CONFERÊNCIA «A SAÚDE COMO MOTOR DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL - ESTRATÉGIA NACIONAL PARA O TURISMO DE SAÚDE», NO AUDITÓRIO DO EDIFÍCIO DE SERVIÇOS DA AEP, NO DIA 3 DE ABRIL DE 2014

O **Turismo** é, como sabemos, **um setor estratégico para o desenvolvimento económico e social do País**, pela sua **contribuição para a geração de riqueza**, para a **criação de emprego** e para o **equilíbrio das contas externas**. Acresce o facto de estarmos, também, perante um setor com um elevado **nível de incorporação nacional**. Aliás, representou, em 2013, a maior fatia das exportações portuguesas, com cerca de 9 mil milhões de euros.

O Turismo de Saúde é, precisamente, um dos produtos estratégicos considerados no Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) 2013-2015 ¹.

Sabemos, porém, que são vários os fatores macroeconómicos que podem condicionar os fluxos turísticos, como sejam a evolução do PIB, do emprego e do rendimento disponível. A estes aspetos devemos, naturalmente, juntar outros como os decorrentes das alterações estruturais da procura, designadamente ao nível da evolução do perfil dos consumidores, das suas preferências e padrões de consumo.

No que se refere em particular ao **Turismo de Saúde**, tudo isto não pode estar dissociado do **envelhecimento demográfico** - um dos mais sérios desafios que a Europa (*que gera a maior proporção das dormidas internacionais em Portugal* ²) enfrenta atualmente, e onde Portugal não é exceção.

De facto, as **projeções** mais recentes **para a população residente em Portugal, divulgadas** pelo INE **há menos de uma semana** (na passada sexta-feira, dia 28 de março) evidenciam tendências que todos já sobejamente conhecem, mas que se revelam, agora, ainda mais preocupantes.

¹ Aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros nº 24/2013, de 16 de abril.

² 85%, segundo o PENT.

Em qualquer dos cenários considerados é expectável uma alteração muito vincada da estrutura etária da população residente, no sentido de **um continuado e forte envelhecimento**, em resultado da combinação do decréscimo da população mais jovem (prevendo-se uma redução em 557 milhares da população com menos de 15 anos de idade, entre 2012 e 2060) com o aumento da população com 65 ou mais anos (prevendo-se um aumento em um milhão de indivíduos), considerando o cenário central.

Sabe-se, ainda, que até 2060 a **esperança média de vida à nascença deverá aumentar** em 7,5 anos para os homens (passando a 84,2 anos) e em 7,3 anos para as mulheres (passando a 89,9 anos), significando, assim, uma ligeira convergência deste indicador para ambos os sexos. Este ganho de vida esperado deve ser necessariamente encarado como um aspeto muito positivo, **traduzindo uma importante conquista das sociedades europeias**, em particular no que diz respeito a **melhores condições, precisamente na área da Saúde**.

Consequentemente, **o número de idosos por cada 100 jovens vai quase triplicar**. No cenário central prevê-se que em 2060 o índice de envelhecimento venha a atingir **307 idosos por cada 100 jovens (contra os 131 idosos por cada 100 jovens**, registado em 2012).

Os níveis extremamente baixos da natalidade apresentam-se insuficientes para a renovação da população e, conseqüentemente, dos ativos que suportam a economia através do fator trabalho.

A recente campanha lançada na Dinamarca mostra a grande preocupação daquele estado com esta situação e a tomada imediata de medidas para motivar a população fértil para o aumento da natalidade.

Face à diminuição da população em idade ativa, conjugada com o acréscimo da população idosa, **o índice de sustentabilidade potencial** (ou seja, o quociente entre o número de pessoas com idade compreendida entre 15-64 anos e o número de pessoas com 65 e mais anos) **registrará uma redução muito acentuada: passará de 340 para 149 pessoas em idade ativa por cada 100 idosos**, no cenário central (um valor que se agrava no cenário baixo para 111 pessoas em idade ativa por cada 100 idosos).

Tudo isto tem naturalmente **implicações muito sérias em termos económicos, sociais e orçamentais** (despesa pública). No caso português, atendendo à situação das finanças públicas, designadamente às pressões em termos de défice e de dívida, o desequilíbrio demográfico ganha maior relevância.

Todavia, o envelhecimento demográfico, traduzido, entre outros aspetos, num forte crescimento do mercado sénior, pode e deve ser visto como **um importante desafio para o setor da Saúde e, em especial, para o Turismo de Saúde.**

O Relatório da Comissão Europeia sobre envelhecimento, “**The 2012 Ageing Report – Economic and budgetary projections for the 27 EU Member States (2010-2060)**”, que apresenta projeções de longo prazo para a despesa pública estritamente relacionada com o envelhecimento da população (que inclui estimativas das despesas relacionadas com as pensões, a saúde, os cuidados continuados e as despesas com a educação), estima que **as despesas com a Saúde continuarão a representar uma parte significativa da despesa pública** (mais de 7% do PIB, quer em Portugal, quer a nível da média da UE), **que tenderá a aumentar até 2060. Para Portugal, as estimativas apontam para que a pressão da despesa pública com a Saúde, em termos do PIB, registe um aumento de 1,1 pontos percentuais** (o mesmo que a nível europeu).

Por outro lado, os resultados do Inquérito às Despesas das Famílias, do INE, dão conta que **as despesas com a Saúde têm vindo a conhecer um aumento do seu peso no orçamento das famílias.** Em Portugal, o peso das despesas com a Saúde na despesa anual média por agregado familiar praticamente duplicou, tendo passado de 3%, em 1990, para 5,8%, em 2011 (último ano disponível).

Abrem-se, pois, boas perspetivas para o desenvolvimento do **Turismo de Saúde** ao longo dos próximos anos. Esta vertente pode e **deve assumir-se como um fator diferenciador da oferta do “destino Portugal”.** **Temos excelentes condições para ampliar de forma significativa o contributo do segmento do Turismo de Saúde para o desenvolvimento económico e social do País**, basta atentarmos ao conjunto de fatores de competitividade já identificados (designadamente no PENT) e que passo a citar:

- *Um sistema nacional de saúde de qualidade, reconhecido internacionalmente, estando **Portugal na 12ª posição** no índice dos sistemas mundiais de saúde elaborado pela Organização Mundial de Saúde;*
- *Profissionais com experiência internacional e com diminutas barreiras de comunicação nos idiomas dos potenciais mercados emissores para Portugal;*
- *Existência de unidades hospitalares acreditadas por sistemas internacionais;*
- *Abundantes recursos termais e de grande riqueza hidrogeológica, sobretudo no Norte e no Centro;*
- *Marcas de spas internacionalmente reconhecidas em unidades hoteleiras de referência no País;*
- *Extensa linha de costa com águas do Oceano Atlântico que são das mais ricas para a prática da talassoterapia;*
- *Amenas condições climáticas ao longo do ano, que favorecem a convalescença e que per si têm efeito terapêutico nalgumas patologias.*

Portugal tem, pois, condições naturais e muitas outras vantagens, tranquilidade política e social, dieta mediterrânica, que o posicionam como um potencial *player* de referência. Atenta a esta realidade, o **Projeto Healthy'n Portugal**, promovido através de uma parceria entre a AEP e o Health Cluster Portugal – Pólo de Competitividade da Saúde, teve por **objetivo construir uma parceria para o desenvolvimento em Portugal de uma oferta de Turismo de Saúde, competitiva à escala global, assente numa plataforma colaborativa que articule e oriente estrategicamente a respetiva cadeia de valor.**

No plano operacional o projeto pretendeu:

- **Desenvolver uma base de conhecimento estratégico setorial**, que permita o desenvolvimento sustentado das empresas que operam no Turismo da Saúde. Neste âmbito foram elaborados estudos de *benchmarking* e caracterizados dez mercados alvo (Alemanha, Reino Unido, Luxemburgo, Holanda, França, Espanha, Angola, Moçambique, Turquia e EUA);
- **Envolver a sociedade e a comunidade empresarial e científica, com íntimas ligações ao setor da Saúde**, num projeto de dimensão e importância nacionais. Neste contexto, foi criado um Conselho Superior Estratégico que envolve cerca de duas dezenas de entidades, públicas e privadas, das áreas da Saúde e Turismo;
- Diagnosticar o setor do Turismo de Saúde global, com o intuito de **identificar estratégias seguidas, segmentos alvo, perfil de consumidores, metodologias e boas práticas** que permitam uma reflexão estratégica e a definição de um posicionamento para Portugal no mercado global;
- Diagnosticar o setor Turismo da Saúde nacional, na sua vertente médica, e o seu potencial nacional, para perceber **oportunidades de melhoria e adequação de ações conjuntas**. Neste sentido, está em curso um inquérito às empresas dos setores da Saúde e Turismo com vista a uma caracterização da oferta;
- **Estudar e construir pacotes de oferta para os segmentos alvo identificados** e testá-los no mercado, de modo a perceber as oportunidades de sucesso e corrigir eventuais discrepâncias na constituição da oferta nacional;
- **Promover a cooperação e a atuação em parceria dos operadores especializados**, que se posicionam na cadeia de valor do Turismo de Saúde, **visando a formação de uma rede colaborativa, capaz de competir no mercado internacional com sucesso**;
- **Lançar as bases para a definição de uma estratégia coletiva para o setor do Turismo de Saúde**, que ficou consolidada na elaboração do estudo que foi apresentado nesta Conferência (na parte da manhã). Deste modo, estão, assim, criadas as condições para a promoção e consolidação da imagem internacional e da perceção de Portugal como destino de Turismo de Saúde, suportada nas suas vantagens competitivas e na complementaridade oferecida pela rede colaborativa.

É de realçar que **ao nível da promoção internacional será dado destaque a dois mercados: Reino Unido e Alemanha.**

Estou certo que o futuro próximo demonstrará, de forma inequívoca, todo o valor desta Parceria, colocando Portugal no mercado internacional como destino privilegiado de Turismo de Saúde e de Bem-Estar e contribuindo, por essa via, para o aumento da competitividade das empresas ligadas direta ou indiretamente a estes setores e, de forma mais abrangente, para o crescimento da economia nacional.

Muito Obrigado.